



A CONCEPÇÃO REFORMADA DE IGREJA

Paulo R. B. Anglada¹

RESUMO: Frente à diversidade de concepções existentes dentro do meio evangélico acerca da igreja de Cristo, a teologia reformada tem muito a contribuir para um correto entendimento da natureza, atributos e características da verdadeira igreja. Esse artigo traz uma breve análise dos termos bíblicos que definem a igreja, menciona a sua origem, as figuras e metáforas a que ela é comparada e ressalta princípios gerais extraídos das Escrituras acerca de sua essência e função. Há um destaque especial para a distinção entre igreja invisível e visível e suas marcas essenciais. A abordagem parte do ensino bíblico acerca do tema, sendo complementada com a interpretação dos símbolos de fé reformados.

PALAVRAS-CHAVE: Eclesiologia reformada, igreja visível, igreja invisível, atributos da igreja, marcas da igreja, pregação, sacramentos, disciplina.

INTRODUÇÃO

Qualquer crente sincero, com um mínimo de discernimento espiritual e que se preocupe com a situação da igreja de Cristo, pode perceber que os tempos atuais são de profunda crise quanto à concepção da igreja e de seu papel no mundo. O que caracteriza, afinal, uma igreja genuinamente evangélica? Qual a sua natureza e função? Ao que parece, todo tipo de credo e de doutrina são bem-vistos nas igrejas evangélicas brasileiras. Vivemos dias de intensa confusão

¹ Nota dos Editores: O autor (1954-2019) era ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, mestre em Teologia pela *Potchefstroomse Universiteit vir Christelike Hoer Onderwys* (África do Sul, 1987) e doutor em Ministério pelo *Westminster Theological Seminary in California* (Estados Unidos, 2003). Foi pastor por cerca de trinta anos da Igreja Presbiteriana Central do Pará e presidente da Associação Reformada Palavra da Verdade. Foi um dos fundadores da Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITREF), tendo ministrado disciplinas na área do Novo Testamento, Teologia e Pregação. Para mais do autor sobre esse tema conferir “A Igreja do Deus Vivo – Coluna e Baluarte da Verdade, vol 1 e 2”, Knox Publicações (2022/2023).

eclesiástica, na maioria das vezes por falta de um sólido fundamento bíblico-teológico.

Todavia, nem sempre foi assim. Houve épocas em que a Eclesiologia foi exaustivamente estudada. A literatura publicada sobre o tema é abundante, especialmente nos séculos XVI e XVII. Estima-se que século XVI, cerca de mil e oitocentos títulos foram publicados somente sobre o tema do governo eclesiástico.² Contudo, esses escritos têm sido geralmente esquecidos. Para Iain Murray, “o desprezo a essa literatura pode ser atribuído à rejeição explícita por parte do protestantismo moderno do princípio segundo o qual a Escritura é uma regra suficiente e perfeita para a organização da Igreja de Cristo”.³

Um dos resultados desse abandono é, por exemplo, o crescimento entre os evangélicos do número daqueles que, frustrados com os erros e corrupções de igrejas instituídas, optam por rejeitar qualquer ideia de igreja institucionalmente organizada. Em um artigo, escrito em 1997, Michael Horton já alertava: “Em nossos dias, quase não há vestígios da doutrina da igreja visível no evangelicalismo” (para quem “a igreja” significa “todo mundo que nasceu de novo” e não uma instituição oficial).⁴ Ele chega a comparar essa noção com o docetismo cristológico que a igreja primitiva precisou combater: “Enquanto a igreja primitiva teve que lutar repetidamente contra aqueles que negavam a realidade do corpo físico visível de Cristo, hoje a igreja tem que pelejar em defesa da sua própria existência institucional visível”.⁵

Esse crescente movimento tem tido como resultado a proliferação dos assim chamados *desigrejados*. Contribuem ainda para o agravamento da situação outros fatores como a falta ou fraqueza de padrões doutrinários em igrejas carismáticas e neopentecostais, e o declínio espiritual, moral e numérico de muitas igrejas protestantes históricas, que enveredaram pelo caminho do liberalismo teológico ao sucumbirem aos métodos críticos de interpretação das Escrituras.

Portanto, mais do que nunca se faz necessário considerar o tema *a igreja de Cristo* conforme a concepção e entendimento da teologia reformada. Neste artigo, trataremos especificamente da questão da *origem* e *natureza* da igreja, enfatizando seus *atributos* e suas *marcas*, doutrinas distintivas da eclesiologia reformada.

² Segundo H. M. Dexter, “The Congregationalism of the Last Three Hundred Years”, vi (citado por Iain H. Murray, ed., *The Reformation of the Church: A Collection of Reformed and Puritan Documents on Church Issues*, 7).

³ MURRAY, Iain. *The Reformation of the Church: A Collection of Reformed and Puritan Documents on Church Issues*. Edimburgh, The Banner of Truth Trust, 1965, p. 8.

⁴ HORTON, Michael, *Time for a Commercialism Break*. In *Modern Reformation*, 6:5 (1997), 6.

⁵ *Ibid.*, 8.

1. ORIGEM

De um modo geral, todos os eleitos de Deus – sejam anjos, sejam homens – fazem parte de uma *assembleia de escolhidos*. Vemos essa realidade retratada no livro de Apocalipse, onde encontramos, no céu, os anjos eleitos e as almas dos crentes redimidos prestando culto e adoração a Deus (cf. igualmente Hb 12.22-24). No âmbito terreno, podemos dizer, em um sentido mais amplo, que a igreja começou quando Adão e Eva foram criados por Deus com a capacidade de relacionar-se com o seu Criador, ter comunhão com ele e prestar-lhe culto e adoração. Contudo, com a *queda* de nossos primeiros pais, essa comunhão foi quebrada: eles se tornaram espiritualmente mortos, separados de Deus. É o próprio Deus quem vai graciosamente tomar a iniciativa de restaurar o relacionamento interrompido. Ele irá se revelar de modo especial a uma linhagem dos descendentes de Adão, a descendência de Sete, que passará a *invocar o seu nome* (Gn 4.26).

Na antiga dispensação, há dois momentos relevantes com relação à instituição da igreja. O primeiro é o chamado de Abraão, onde encontramos pela primeira vez a promessa feita por Deus a um indivíduo de *ser o seu Deus e o de sua descendência*. Um pacto é estabelecido e selado com um sinal: a circuncisão. O segundo momento é a partir do Êxodo, quando os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó – agora efetivamente constituindo um numeroso povo – receberão as prescrições de Deus estabelecendo os termos detalhados dessa aliança. É nesse sentido que Edward Clowney afirma: “a história da igreja começa com Israel, o povo de Deus no Antigo Testamento”. Mais adiante, ele complementa: “a igreja é definida por *pertencer* a Deus, conforme lemos na promessa feita a Abraão, e, posteriormente, ao povo de Israel: Eu serei o *vosso* Deus, e vós sereis o *meu* povo” (Lv 26.12).⁶

A definição que William Cunningham faz de *igreja* confirma essa relação entre pacto e revelação, quando ele afirma que igreja é “a sociedade dos que são chamados por Deus para terem um conhecimento sobrenatural da verdade e do modo de salvação”.⁷ Deus fez isso desde o Antigo Testamento, revelando a si mesmo e a sua vontade ao seu povo, a nação de Israel.

Contudo, o termo vai assumir um significado bem mais específico no Novo Testamento, referindo-se aos indivíduos que “se encontram em uma relação peculiar com Jesus Cristo”.⁸ R. C. Sproul enfatiza esse ponto: “onde quer que encontremos pessoas que confiam em Deus para a sua salvação por intermédio de Cristo, aí temos uma igreja”.⁹ O próprio Jesus foi o primeiro a utilizar a palavra

⁶ CLOWNEY, Edmund, *A Igreja – Série Teologia Cristã*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, p. 26, 27

⁷ CUNNINGHAM, William. *Historical Theology*, Vol. I. Edimburgh: The Banner of Truth Trust, 1979, p. 1.

⁸ CUNNINGHAM. *Historical Theology*, Vol. I, p. 12.

⁹ SPROUL, R. C., *Everyone's a Theologian*. Sanford, FL: Reformation Trust Publishing, 2014, p. 263-264.

igreja no Novo Testamento e a aplicou ao círculo dos seus discípulos (Mt 16.18; 18.17).

Comentando ainda sobre a origem da igreja, R. C. Sproul defende que, na nova dispensação, a igreja tem início *não* com o nascimento de Cristo, nem com a sua morte, e nem mesmo com a sua ressurreição ou com o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes. Ele afirma que a igreja é formalmente estabelecida quando Jesus, comemorando a última Páscoa, a transforma na Ceia do Senhor, dizendo aos seus discípulos: “Tomai, comei, isto é o meu corpo; bebei, isto é o meu sangue, o *sangue da nova aliança*, derramado em favor de muitos, para a remissão de pecados” (Mt 22.26-28; cf. Mc 14.22; Lc 22.19-20). Segundo esse entendimento, é nesta ocasião que ocorre a mudança da aliança, da antiga para a nova;¹⁰ não mais o povo de Israel como nação, mas a comunidade dos discípulos passa a ser o seu povo.

No entanto, é comumente reconhecido que é no derramamento do Espírito em Pentecostes que o Pai e o Filho cumprem a promessa veterotestamentária do estabelecimento (universal) da sua igreja, sendo esta a razão pela qual muitos consideram este evento como o marco do nascimento da igreja. Morton Smith destaca: “A grande promessa do Antigo Testamento era a vinda do Messias; porém a promessa do Novo Testamento é a vinda do Espírito Santo, anunciada por João Batista e por Jesus.¹¹ É esse *batismo* do Espírito Santo sobre a igreja que vai conceder a ela o poder para levar o Evangelho de Cristo a todas as nações”.¹² Clowney destaca: “O Espírito veio cumprir as promessas de Deus anunciadas no Antigo Testamento [...] É em Pentecoste que o Senhor veio tomar posse de seu povo, enchendo a sua casa espiritual com a sua presença... A igreja é, portanto, o povo de Deus e a assembleia de Cristo, porque ela é a comunhão do Espírito”.¹³

2. SIGNIFICADOS E FIGURAS

O termo *igreja*¹⁴ é empregado pelos autores do Novo Testamento com diferentes significados. Um deles é para designar a igreja invisível¹⁵ universal e ideal, um corpo orgânico e vital, constituído de todos os eleitos de Deus. Ele abrange a igreja triunfante (*ecclesia triumphans*), que já se encontra com Cristo, aguardando a ressurreição; a igreja militante (*ecclesia militans*), em pleno

¹⁰ SPROUL, R. C. *Mensagem em Jeremias 31:31*, Ligonier Archives.

¹¹ No Antigo Testamento também encontramos diversos textos que anunciavam a vinda do Espírito: Joel 2.27-28; Isaías 44.3; Ezequiel 39.29; etc.

¹² SMITH, Morton. *Systematic Theology*, Vol. II. Greenville: Greenville Seminary Press, 1994, p. 555.

¹³ CLOWNEY. *A Igreja*, p. 47.

¹⁴ Do Grego ἐκκλησία (tradução de קהלה e קהילה na Septuaginta). A palavra συναγωγή, que também é empregada na Septuaginta como tradução de קהלה e קהילה, só é empregada no Novo Testamento com relação a assembleias judaicas. Todos esses termos significam, *assembleia, congregação, reunião*.

¹⁵ Especialmente em Efésios e Colossenses. Exemplos: Ef 3.10,21; 5.23-25, 27, 32; Cl 1.18,24.

combate neste mundo; e a igreja latente (*ecclesia latens*), incluindo os que ainda estão por nascer e os que já nasceram mas ainda não foram convertidos. Cristo é o cabeça orgânico da igreja invisível, que é o seu corpo.¹⁶

O termo também é empregado no Novo Testamento com referência à igreja visível, igualmente universal, contudo, manifestada neste mundo de modo imperfeito. Ela é composta de crentes professos e seus filhos, os quais se congregam em determinados lugares, para cultuarem a Deus e serem edificados pela pregação da Palavra, pela oração, pela ministração dos sacramentos e pela comunhão com os irmãos. É neste sentido, por exemplo, que Paulo usa a palavra em 1Coríntios 10.32: “Não vos torneis causa de tropeço, nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus”.¹⁷

As Escrituras utilizam diversas expressões para se referir à igreja: ela é a *noiva (esposa)* do Cordeiro; *o corpo de Cristo*; a sua *herança*; o seu *povo*; os seus *eleitos*; o seu *rebanho*. Ela existe em Cristo, por Cristo e para Cristo. Mas o número de figuras e representações não se exaure aí. Diversas outras metáforas são utilizadas na Bíblia para se referir à igreja, cada uma destacando um aspecto importante da sua natureza. Ela é comparada a um *edifício*, composto de *pedras vivas*, cuja pedra-angular é Cristo, tendo como o seu fundamento os profetas e apóstolos. É comparada ainda a *luzeiros no mundo* ou a *candeeiros de ouro*, ressaltando, nesta última figura (encontrada no livro de Apocalipse), não somente a sua função de ser luz no mundo, mas também a sua preciosidade.

Ela também é chamada de *nova criação*, de *geração escolhida*, de *casa ou templo* de Deus, de *galhos da videira* etc., cada um desses termos revelando uma peculiaridade acerca da igreja e expressando verdades a seu respeito. Os crentes em Cristo são também chamados, entre outros designativos, de: *filhos*, *amigos*, *escravos*, *servos*, *embaixadores*, *sacerdotes*, *irmãos*, *sal e luz*, *pescadores de homens*, *primogênitos*, *estrangeiros*, e a *carta de Cristo*. J. A. Heyns afirma que mais de oitenta figuras são empregadas na Bíblia como símbolos da igreja.¹⁸

Além dos autores bíblicos, autores reformados também se utilizam de comparações ou metáforas para ressaltarem aspectos distintivos da igreja. Calvino, por exemplo, destaca a figura da família, afirmando que, visto que “Deus é o nosso pai, a igreja é a nossa *mãe*”, pois, em certo sentido, ela nos dá à luz, nos alimenta, ampara e defende. Ele também a compara a uma *escola*, onde os crentes são instruídos e preparados para a vida. No entanto, é interessante observar que concepções modernas de igreja como sendo, por exemplo, uma *comunidade terapêutica* ou um *hospital* onde as pessoas vão receber terapia não são aplicadas bíblicamente a ela. A. N. Lopes destaca: “... ao contrário, [a igreja] é descrita como

¹⁶ Ver *Confissão de Fé de Westminster*, XXV: i; *Catecismo Maior*, perguntas 61 e 64; *Catecismo de Heidelberg*, pergunta 54.

¹⁷ Cf. também 1Coríntios 11.22 e 12.28.

¹⁸ HEYNS, J. A. *The Church*. Pretoria: N.G. Kerkboekhandel, 1980, p. 42.

um grande campo militar; é como um exército no campo de batalha onde cada um de seus membros é chamado para estar pronto para resistir aos ataques do inimigo e a permanecer firmes e inabaláveis”.¹⁹

3. PRINCÍPIOS BÍBLICOS GERAIS

A discussão acerca da natureza da igreja pressupõe alguns princípios gerais imprescindíveis para uma compreensão adequada acerca do assunto. Podemos destacar dentre eles:

3.1. A IGREJA NÃO É MERA INSTITUIÇÃO HUMANA

A igreja não é produto da imaginação do homem, mas da vontade soberana de Deus. Não é um clube ou associação para se dirigir e governar ao bel-prazer, gosto ou preferência da direção ou dos associados, como usualmente ocorre nas sociedades, instituições e empresas humanas. Essa liberdade não se aplica à igreja de Cristo, pois ela se encontra “sujeita a ele como o seu cabeça e deve ser governada exclusivamente pelas suas leis”²⁰.

A igreja pertence a Deus e é uma obra da Trindade santa: do Pai, em chamar e eleger pecadores; do Filho, em se oferecer como sacrifício a Deus por eles e pagar os seus pecados; e do Espírito Santo, em aplicar essa obra aos corações dos eleitos. Tal é a singularidade da igreja que o apóstolo Paulo chega a afirmar que ela é importante inclusive para as criaturas angelicais, que aprendem sobre a multiforme sabedoria de Deus ao contemplarem essa peculiar assembleia de pecadores, anteriormente rebeldes e alienados de Deus, agora transformados pela sua graça, bondade e misericórdia (Ef 3.10).

A exclusividade da igreja é tal que Edmund Clowney observa: “Já que a salvação está somente em Cristo, há um sentido no qual *não há salvação fora* da igreja de Cristo, pois aqueles que o Espírito Santo une a Cristo são unidos a todos os outros que estão em Cristo”.²¹ Vemos, portanto, que ela não existe de si mesma, nem por vontade humana, mas é projeto e obra do Deus Triúno.

3.2. DISTINÇÃO ENTRE IGREJA INVISÍVEL E IGREJA VISÍVEL

Precisamos ter em mente a distinção entre essas duas noções, não como sendo duas igrejas, mas como manifestações diferentes de uma mesma igreja. A igreja *invisível* é universal, sendo constituída de todos os eleitos de Deus, estejam onde estiverem, no passado, no presente ou no futuro (ainda por se converter ou nascer). Essa igreja é diretamente governada por Deus, e está fora do governo humano. Charles Hodge a define nos seguintes termos: “A igreja é, em sua essência, um reino espiritual, constituído como tal pela obra do Espírito Santo, que

¹⁹ LOPES, Augustus Nicodemus G. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*, p. 12,13.

²⁰ CUNNINGHAM, William. *Historical Theology*, Vol. I, p. 14.

²¹ CLOWNEY, Edmund. *A Igreja*, p. 52.

é quem aplica a ela a redenção perfeita daquele que é o seu profeta, sacerdote e rei: o Senhor Jesus Cristo”²².

A igreja *visível*, por outro lado, embora também universal, é composta dos crentes professos e seus filhos, que se congregam em um determinado lugar, para cultuarem a Deus e serem edificados na fé. Ela é institucional e, como tal, precisa de governo e organização formais.

Uma diferença fundamental entre a igreja visível e a invisível é que a *invisível* é composta somente dos verdadeiros crentes (eleitos, chamados, justificados e santificados), enquanto a igreja visível é uma assembleia mista: ela é composta não somente de crentes verdadeiros, mas pode ter em seu meio indivíduos que, por uma razão ou outra, *professam* a fé cristã, sem, contudo, pertencerem realmente a Cristo. Em duas parábolas Jesus demonstra essa realidade: a do joio e do trigo crescendo juntos até a ceifa (Mt 13.24-30), e a parábola da rede que lançada ao mar recolhe peixes bons e ruins (Mt 13.47-50). João Batista também se referiu ao trigo e à palha, que só serão definitivamente separados no dia final (Mt 3.12).

3.3. CRISTO É O VERDADEIRO E ÚNICO CABEÇA DA IGREJA

Essa proposição é verdadeira, tanto no que diz respeito à igreja invisível, como com relação à igreja visível.²³ Ela é verdadeira no sentido orgânico,²⁴ assim como no desempenho do ofício real de Cristo. Jesus é não apenas Profeta e Sacerdote: ele é Rei! E nesta condição, tem toda autoridade sobre a igreja invisível e visível. É ele, portanto, em última instância, quem a organiza, governa e disciplina. A ele pertence o direito de legislar com relação ao seu funcionamento, de aplicar essa legislação, de ensinar, de julgar e de disciplinar o seu povo. Contudo, devemos estar conscientes do perigo de ela tornar-se uma instituição centrada em si mesma: “uma doutrina da igreja que não é centralizada em Cristo é auto frustrante e falsa... se a igreja, e não Cristo, torna-se o centro da nossa devoção, a decadência espiritual já começou”.²⁵

A autoridade de Cristo sobre a igreja visível é claramente ensinada em diversas passagens do Novo Testamento. Na grande comissão, após a ressurreição, ele declarou solenemente: “toda autoridade me foi dada nos céus e na terra” (Mt 28.18). Em Mateus 23.8-10, ele adverte seus discípulos dizendo que não deveriam chamar-se *mestres*, “porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos”; nem se chamar *guias*, “porque um só é vosso Guia, o Cristo”.²⁶ Em Efésios 3.5, o apóstolo Paulo afirma que “há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”.

²² HODGE, Charles. *Church Polity*.

²³ *Confissão de Fé de Westminster*, XXV: vi. Conferir também a *Confissão Belga*, Art. 29; *Os Cânones de Dort*, I:7; e o *Catecismo de Heidelberg*, perguntas 19 e 21.

²⁴ Cf. Efésios 2.20-22; 4.15-16; 5.30; e Colossenses 1.18; 2.19.

²⁵ CLOWNEY. *A Igreja*, p. 15.

²⁶ Cf João 13:13.

Assim como “o marido é o cabeça da mulher”, devendo esta ser submissa a ele, assim “também Cristo é o cabeça da igreja”, devendo esta ser-lhe submissa (Ef 5.23-24). Escrevendo aos Coríntios, Paulo precisou recordá-los dessa verdade, dizendo: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E, também, há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo” (1Co 12.4-5)²⁷. Logo, o senhorio de Cristo sobre a igreja é absoluto e irrestrito, e ele o exerce distribuindo os dons necessários ao seu governo, crescimento e edificação.

3.4. CRISTO GOVERNA A IGREJA PELO SEU ESPÍRITO, PELA SUA PALAVRA E POR MEIO DE OFICIAIS

Não estando fisicamente presente entre nós, como é que Cristo organiza, governa e edifica a sua igreja visível? Ele o faz por intermédio do seu Espírito, falando nas Escrituras, onde temos revelada a legislação eclesiástica. Esse governo é exercido especialmente pela instrumentalidade de oficiais comissionados por ele (com a participação dos membros), os quais devem governar a igreja de acordo com a forma de governo que ele mesmo prescreveu nas Escrituras.²⁸

Jesus havia prometido conferir autoridade eclesiástica à igreja quando disse a Pedro, na condição de apóstolo: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus” (Mt 16.19).²⁹ Após a sua ressurreição, havendo declarado a sua absoluta autoridade, Cristo delegou autoridade espiritual aos apóstolos, dizendo: Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar tudo o que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28.19-20).

O restante do Novo Testamento ordena e registra o exercício do governo eclesiástico de Cristo sobre a igreja por intermédio dos oficiais por ele escolhidos. Lê-se, por exemplo, em Efésios 4.11-12 que: “ele mesmo (Cristo) concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço (διακονία), para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11-12). As epístolas pastorais se referem especificamente a duas categoriais de oficiais: os da supervisão (presbíteros, pastores, bispos) e os da assistência (diáconos).

²⁷ Ver também Efésios 1.20-23.

²⁸ Cf. *Confissão de Fé de Westminster*, XXV: iii.

²⁹ É nesse contexto de poder espiritual para o exercício do governo eclesiástico que deve ser entendida a passagem de João 20.19-23, quando, após a ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos, e disse-lhes: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”. Acrescentando, a seguir: “Se de alguém perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”.

3.5. A MISSÃO DA IGREJA É PROCLAMAR AS VERDADES DE DEUS

O papel da igreja não é de ordem política, cultural, assistencial ou social. Sua função não consiste em encorajar engajamento político, em incentivar a cultura, em envolver-se em causas sociais ou em promover entretenimento aos seus membros. Outras instituições podem cumprir esses papéis.

A função precípua da igreja, a qual ninguém mais fará em seu lugar, é explicitamente indicada em 1Timóteo 3.15: “ela é coluna e baluarte da verdade”. Essa tarefa é uma prerrogativa exclusiva da igreja. Sempre que a igreja desvia o foco da sua missão, deixando de proclamar a verdade do evangelho, ao invés de tornar-se relevante para a sociedade, ela se torna irrelevante, na medida em que despreza a missão que lhe foi confiada por Cristo: o ensino e a pregação da verdade de Deus, revelada nas Escrituras. É dessa maneira, no desempenho da sua missão, que ela fornece os fundamentos bíblicos para – aí sim, indiretamente – promover uma participação ativa e saudável dos seus membros na sociedade, seja na política, na cultura, no exercício da misericórdia, e até mesmo no campo do entretenimento.

Entretanto, precisamos sempre enfatizar que o objetivo fundamental da igreja é a preservação, a defesa, a vivência e a promoção da Palavra de Deus: a única verdade objetiva capaz de salvar o homem e transformar a sociedade para a glória de Deus. Visto que o cerne da revelação bíblica é Cristo e a sua obra de redenção, esse deve ser o foco da mensagem pregada e anunciada por sua igreja.

3.6. A IGREJA DEVE ADORAR A DEUS CONFORME ELE PRESCREVE EM SUA PALAVRA

O culto público é o meio pelo qual pecadores redimidos podem se aproximar de Deus na condição de seu povo para aprender dele, dirigir-se a ele e louvá-lo de modo que lhe seja agradável. A corrupção do coração humano, mesmo das pessoas convertidas, tende por incliná-las ao erro. A história das religiões está aí para demonstrar que, quando o ser humano concebe formas de adoração a Deus, os maiores absurdos podem acontecer: prostitutas cultuais, licenciosidade e luxúria, sacrifícios humanos, autoflagelação, adoração da própria natureza e culto a demônios. Daí a importância de levarmos cativo o nosso pensamento à obediência de Cristo especialmente neste assunto. A Confissão de Fé de Westminster resume muito bem esse princípio quando afirma:

O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua vontade revelada, que ele não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer

representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.³⁰

Esses princípios são fundamentais, e devem nos auxiliar em nossa compreensão sobre a natureza da igreja de Cristo.

4. ATRIBUTOS E MARCAS DA IGREJA

Conforme foi ressaltado há pouco, dentro do conceito reformado há uma distinção fundamental entre igreja visível e igreja invisível. Essa distinção não se refere a duas igrejas diferentes ou a classes de igrejas distintas, mas apenas a dois aspectos ou manifestações da igreja. A igreja visível é uma manifestação externa e imperfeita da igreja invisível, sendo que esta última é perfeitamente conhecida apenas por Deus.

4.1. OS ATRIBUTOS DA IGREJA INVISÍVEL

Os teólogos reformados defendem que os principais atributos ou qualidades da igreja invisível são: a unidade, a universalidade e a santidade.³¹ Ao tratarmos de cada um desses atributos da igreja *invisível*, mencionaremos resumidamente em que medida eles também são percebidos na igreja *visível*.

Unidade

A Igreja Católica Romana concebe a unidade da igreja principalmente no sentido institucional: a sua estrutura clerical hierárquica, que tem o Papa como o sumo pontífice da igreja, e o clero, composto dos sacerdotes ou clérigos, hierarquicamente estruturados. Para a fé reformada, entretanto, a unidade da igreja, assim como os demais atributos, diz respeito especialmente à igreja invisível: à congregação de todos os eleitos de Deus em todos os lugares e em todos os tempos. É uma unidade espiritual e mística de todos esses membros, formando um só corpo.

Nessa condição, a igreja tem um só cabeça, que é Cristo; ela é animada pelo mesmo Espírito Santo; professa uma só fé; é ligada pelo mesmo amor; movida pelo mesmo propósito de glorificar a Deus; e compartilha da mesma e gloriosa esperança: a consumação da redenção do *cosmos*. Juntamente com o Credo Apostólico, nós afirmamos que: “cremos no Espírito Santo, na santa igreja universal, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna”.

É principalmente nesse sentido que professamos a unidade da igreja nas duas dispensações. Embora manifestada de modos peculiares na antiga e na nova dispensação, cremos que todos os eleitos de Deus estão espiritual, orgânica e

³⁰ Capítulo XXI, Parágrafo I, em *Símbolos de Fé*, 75.

³¹ Cf. *Confissão Belga*, Artigo 27.

vitalmente unidos entre si, como membros de um mesmo corpo, cujo cabeça é Cristo.

A unidade da igreja é, portanto, um objeto de fé na revelação bíblica. Tratando da questão dos dons espirituais, o apóstolo Paulo ressalta esse atributo da igreja invisível em algumas das suas cartas:

Assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros (Rm 12.5).

Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em³² um só Espírito, todos nós fomos batizados em³³ um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito (1Co 12.12-13).

Há somente um corpo e um só Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só senhor, uma só fé, um só batismo... (Ef 4.4-5).³⁴

Embora enfatize a natureza espiritual da unidade da igreja, a eclesiologia reformada insiste em que a unidade do corpo também deve manifestar-se externamente na igreja visível. Ela rejeita, contudo, a ideia de que essa unidade externa seja de natureza meramente institucional ou exterior, e afirma que tal unidade não pode ser alcançada em detrimento da verdade, mas apenas *na verdade*. O movimento ecumênico anseia por uma manifestação visível da unidade da igreja, limitando cada vez mais o conteúdo da fé (o corpo de doutrinas), abrindo espaço para que professos de todos os credos possam unir-se em uma grande instituição cristã, como por exemplo, o Concílio Mundial de Igrejas.³⁵ Herman Hoeksema descreve essa tendência, como segue:

Há muitos em nossos dias que encontram a causa de todas as dissensões e divisões na igreja na muita doutrina e nos credos específicos demais em suas declarações doutrinárias. Consequentemente, advogam que todas essas declarações de fé específicas, pelas quais cada igreja erige um muro de separação em torno de si mesma devem ser esquecidas, apagadas,

³² A preposição (ἐν) aqui traduzida como um locativo metafórico: *em*, também pode ser traduzida como instrumental de meio: *com* (cf. Mt 3.11), ou agente intermediário: *por*, *pelo*, *pela instrumentalidade de* (cf. At 4.12 e 17.31).

³³ A preposição aqui traduzida por: *em* (ἐν), enfatiza o ingresso de cada crente no corpo de Cristo.

³⁴ Cf. também Efésios 1.22-23 e 5.23.

³⁵ A palavra *doutrina* tornou-se quase um insulto para considerável parcela do evangelicalismo moderno.

eliminadas, a fim de que as confissões se tornem menos específicas e mais gerais.³⁶

Martin Lloyd-Jones denunciou esse perigo inclusivista em uma conferência do Concílio Evangélico Britânico, em 1968, afirmando que a estratégia atual não é negar formalmente as antigas e boas confissões de fé, mas colocá-las num museu, e praticar uma fé apenas genérica, que possa abranger todos os credos e não ofender ninguém.³⁷

A fé reformada rejeita essa pseudo-unidade externa institucional, praticada em detrimento da doutrina. Ela professa que a unidade da igreja só pode manifestar-se externamente como resultado da maturidade dos seus membros no conhecimento e submissão à vontade de Deus, revelada na sua Palavra. Murray ressalta: “Um apego às Escrituras e uma determinação de buscar graça para resolver dificuldades à luz delas é a única base segura de unidade eclesialística”.³⁸

A unidade externa da igreja, na concepção bíblica, é descrita por expressões como: “aperfeiçoamento dos santos” ou “seguindo a verdade em amor”. Ela só pode ser alcançada (e de modo imperfeito nesta vida) mediante a:

... edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para o outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo... (Ef 4.12-15).

Catolicidade

A igreja invisível é também católica, isto é, universal. A igreja de Roma apropriou-se indevidamente deste atributo da igreja, aplicando-o à sua instituição externa mundial. A fé reformada professa a catolicidade ou universalidade da igreja principalmente com relação à igreja invisível, ao reconhecer que os membros do corpo de Cristo não se limitam a esta ou àquela nacionalidade, raça, cor, condição social, capacidade intelectual, sexo ou idade.

A igreja visível, no decurso da sua história, pode ser mais ou menos católica, ou seja, mais ou menos universal. Na antiga dispensação, por exemplo, ela esteve consideravelmente limitada à nação judaica, como instrumento de

³⁶ HOEKSEMA, Herman. *Reformed Dogmatics*. Grand Rapids: Reformed Free Publishing Association, 1966, p. 606.

³⁷ LLOYD-JONES, Martyn. *Que é a Igreja?* São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, nd, p. 15.

³⁸ MURRAY, *The Reformation of the Church*, p. 11.

revelação e preservação da vontade de Deus. Naquela época, a igreja visível era nacional, identificada com a nação de Israel.³⁹ Todas as instituições religiosas eram apropriadas para aquela organização nacional: os sacerdotes, os sacrifícios, o tabernáculo, o templo, a observância de datas especiais, etc. Apesar disso, sempre houve lugar para os prosélitos, e o caráter universal da igreja foi frequentemente profetizado, desde o especial chamado de Abraão: “em ti serão benditas todas as nações da terra” (Gn 12.3).⁴⁰

Portanto, na nova dispensação, toda distinção de raça, cor, condição social, sexo e idade foi eliminada, e o caráter universal da igreja invisível passou a se manifestar de forma mais evidente na igreja visível:

Portanto, lembrai-vos de que outrora vós, gentios na carne... naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel... Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longes, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede de separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois fizesse um novo homem, fazendo a paz e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus... (Ef 2.11-16).

Se, com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo... Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos... (Rm 10.10,12).

Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo (Gl 3.28.)

Santidade

O termo *santo* significa *separado* e, nessa concepção, os eleitos de Deus são “retirados” do mundo e dedicados a ele, passando a apresentar as virtudes da pureza e retidão em seu caráter. A fé reformada aplica esse atributo especialmente à igreja invisível. Na concepção reformada, a igreja invisível é absoluta e relativamente santa. É absolutamente santa, como vista por Deus em Cristo. A expiação de Cristo e a justiça de Cristo expurgaram dos eleitos de Deus toda a culpa do pecado e conferiram a eles perfeita retidão. Por meio do sangue de Cristo, a igreja é vista como perfeitamente santa e sem mácula. Ela é também relativamente santa, no sentido em que, quando da conversão, o princípio vital de santidade é definitivamente implantado no coração de cada eleito pelo Espírito Santo, e este princípio se desenvolverá progressivamente em suas vidas, até o dia

³⁹ Antes do chamado de Abraão, a igreja visível era familiar. O chefe da família era o sacerdote, e a família, a congregação.

⁴⁰ Cf. também Gálatas 3.8; Salmo 66.4, 72:11,17 e Isaías 45.22,23.

em que, com a glorificação do corpo, toda semente de corrupção e pecado será absolutamente eliminada.

Entretanto, esse atributo também deve se revelar na igreja visível. Embora de modo imperfeito, em virtude da natureza corrompida que ainda persiste no crente nesta vida, o desenvolvimento dessa semente de santidade implantada no coração da pessoa regenerada deve manifestar-se externamente, tanto em sua conduta moral como espiritual, demonstrando que, embora no mundo, a igreja foi separada do mundo e consagrada a Deus.

Nem sempre é evidente qual desses aspectos da santidade da igreja os autores bíblicos têm em mente nas inúmeras referências relacionadas ao assunto. Não obstante, todos eles são abundantemente revelados nas Escrituras. Eis apenas algumas das muitas passagens que atestam esse atributo da igreja invisível.

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1Pe 2.9).

Tais fostes alguns dentre vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus (1Co 6.11).

Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus... Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados (Hb 10.11-14).

Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.25-27).

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.... É a favor deles que eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade (Jo 17.17,19).

4.2. AS MARCAS DA IGREJA VISÍVEL

Quanto à igreja visível, na antiga aliança ela era nacional, e estava identificada com a nação de Israel. Na nova dispensação, a igreja visível deixará de ser nacional para tornar-se universal. É com o derramamento do Espírito em Pentecostes que, por intermédio da pregação e do testemunho daqueles primeiros cristãos, o evangelho alcançaria indivíduos de todas as tribos, línguas, povos e nações, dando origem a igrejas localmente estabelecidas.

Ao analisarmos os textos bíblicos verificamos que, indubitavelmente, o uso mais frequente da palavra *igreja* no Novo Testamento refere-se especialmente às igrejas *locais*, externamente *instituídas*. O termo é utilizado para se referir às congregações de crentes professos e seus filhos, em determinadas localidades, dirigidas por grupos de oficiais vocacionados por Deus e reconhecidos pela igreja. Essas comunidades locais constituem-se em manifestações visíveis, autônomas e completas da igreja de Cristo no mundo. Eis apenas três das várias passagens bíblicas em que a palavra é empregada com esse sentido:

E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E por todo um ano se reuniram naquela igreja, e ensinaram numerosa multidão (At 11.25-26).

Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos meus companheiros, às igrejas da Galácia (Gl 1.1-2).

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia: Graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era, e que há de vir... (Ap 1.4).⁴¹

As congregações locais são, portanto, consideradas no Novo Testamento como uma manifestação completa da igreja visível universal.

Os atributos que estivemos considerando com relação à igreja invisível dizem respeito, de modo absoluto, apenas a ela. Porém, de modo relativo, eles podem também ser encontrados na igreja visível. O que ocorre é que por causa da natureza pecaminosa da raça humana, a manifestação externa da unidade, catolicidade e santidade da igreja invisível é necessariamente imperfeita na igreja visível. Assim se explicam cismas, desavenças, impurezas, discriminações, etc., que se manifestam em maior ou menor grau nas igrejas instituídas.

Deve-se, por acaso, inferir daí que seja impossível distinguir, na prática, as verdadeiras igrejas, visivelmente estabelecidas, das falsas igrejas? Não. De acordo com a fé reformada, a igreja visível manifesta o seu caráter através das seguintes marcas visíveis, conhecidas como marcas da verdadeira igreja: verdadeira *pregação* (doutrina), verdadeira ministração dos *sacramentos* (culto) e verdadeira *disciplina* (correção, governo),⁴² entendendo-se por *verdadeira* a conformidade com o ensino claro, autoritativo e suficiente das Escrituras. Compete a cada crente

⁴¹ Conferir, ainda, Romanos 16.4,5; 1Coríntios 11.18; 14.19,28,35; 16.1,19; Colossenses 4.15; 1Tessalonicenses 2.14 e Apocalipse 1.11,20; 2.1,7,8,12,18. Convém observar que embora a nossa tradução de 1Coríntios 11.18; 14.19,28,35 possa parecer designar um lugar (na igreja), isso não ocorre no original, que não apresenta o artigo (ἐν ἐκκλησίᾳ).

⁴² *Confissão de Fé de Westminster*, XXV: iv.

identificar, por essas marcas, a verdadeira igreja de Cristo e unir-se a ela, para o bem da sua alma, da sua família e para a glória de Deus.

Ensino das confissões reformadas

Diversos símbolos de fé reformados professam essas marcas da verdadeira igreja visível. A *Confissão de Fé Belga*, de 1561, por exemplo, afirma no artigo 29:

Creemos que, por meio da Palavra de Deus, deve-se distinguir diligentemente e com bastante prudência, qual é a verdadeira igreja... Os sinais para se conhecer a igreja verdadeira são estes: a pregação pura do evangelho; a administração pura dos sacramentos, tais como foram instituídos por Cristo; a aplicação da disciplina cristã, para castigar os pecados. Resumindo: se é observada uma conduta de acordo com a Palavra pura de Deus...

No artigo 28, essa confissão enfatiza o dever do crente de unir-se a esta igreja,⁴³ asseverando:

É dever de todos os crentes – segundo a Palavra de Deus – separar-se daqueles que não são a igreja, e unirem-se a esta congregação em qualquer lugar onde Deus a tenha estabelecido; ainda que em circunstâncias nas quais os magistrados e leis dos príncipes estejam contra eles, e ainda que corram o risco de vida ou de outro castigo físico.⁴⁴

A *Confissão de Fé Escocesa*, de 1560, de modo semelhante, declara:

Nós cremos, confessamos e declaramos que as marcas da verdadeira igreja são, primeiro e antes de tudo, a verdadeira pregação da Palavra de Deus, na qual Deus mesmo se revelou a nós, como nos declaram os escritos dos profetas e apóstolos; segundo, a correta administração dos sacramentos de Jesus Cristo, os quais devem ser associados à Palavra e à promessa de Deus para selá-las e confirmá-las em nossos corações; e, finalmente, a disciplina eclesiástica corretamente administrada, como prescreve a Palavra de Deus, para reprimir o vício e estimular a virtude. Onde quer que essas marcas se encontrem e continuem por algum tempo – ainda que o número de pessoas não exceda de duas ou três – ali, sem dúvida alguma, está a verdadeira igreja de Cristo.⁴⁵

Outros símbolos de fé reformados tais como a *Confissão da Igreja Inglesa em Genebra*, de 1556, a *Confissão de Fé Francesa*, de 1559 (artigos 26-28) e a

⁴³ Com base em passagens tais como: Isaías 52.11, Apocalipse 18.4, Hebreus 10.25 e Atos 4.17,19.

⁴⁴ Cf. também, a *Confissão de Fé Francesa* (artigo 27) e a *Confissão Escocesa* (capítulo 18).

⁴⁵ Artigo XVIII.

Segunda Confissão Helvética, de 1566 (capítulo 17) também professam as mesmas marcas da igreja visível.

Evidências bíblicas

Que estes são, de fato, sinais bíblicos da verdadeira igreja, infere-se de textos como os seguintes:

a) Com relação à pregação:

Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará... Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não me dais ouvidos, porque não sois de Deus (Jo 8.31-32).⁴⁶

Mas ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema (Gl 1.8).⁴⁷

Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho (2 Jo 9).

b) Com relação aos sacramentos:

- O Batismo:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28.19).

Há somente um corpo e um só Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só senhor, uma só fé, um só batismo... (Ef 4.4-5).

- A Ceia do Senhor:

Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis... Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor (1Co 11.20,27). Cf. também Mateus 26.26ss; 1Coríntios 11.23ss; e Atos 2.42.

c) Com relação à disciplina eclesiástica:

Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebestes... Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele... (2Ts 3.6,14).

Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?... Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós, o malfeitor (1Co 5.6b,13)

⁴⁶ Ver também João 14.23.

⁴⁷ Verificar também 2Coríntios 10.2-4.

Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos... (1Ts 5.14).

Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando, e por si mesma está condenada (Tt 3.10).

[Carta à igreja de Pérgamo]: Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão... também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas... [Carta à igreja de Tiatira]: Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetiza, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos (Ap 2.14-15).

A marca principal: a pregação verdadeira da Palavra de Deus⁴⁸

As três marcas da igreja são importantes, mas os teólogos reformados, em geral, reconhecem que a pregação é, dentre elas, a mais importante, e apresentam duas razões para tal. Primeiramente, porque ela inclui as outras duas: na concepção reformada, nem os sacramentos nem o exercício da disciplina podem ser dissociados da Palavra. E, em segundo lugar, porque é através da pregação verdadeira da Palavra que os eleitos são congregados e edificados.

Berkhof, por exemplo, afirma que:

Estritamente falando, pode-se dizer que a pregação verdadeira da Palavra e seu reconhecimento como o modelo da doutrina e da vida é a única marca da igreja. Sem ela, não há igreja, e ela determina a reta administração dos sacramentos e o exercício fiel da disciplina eclesiástica.⁴⁹

Herman Hoeksema, outro conhecido teólogo reformado, escreve:

Podemos dizer que a única marca importante distintiva da verdadeira igreja é a pura pregação da Palavra de Deus. Onde a Palavra de Deus é pregada e ouvida, aí está a igreja de Deus. Onde esta Palavra não é pregada, aí a igreja não está presente. E onde esta Palavra é adulterada, a igreja deve ou arrepender-se ou morrerá.⁵⁰

A razão da primazia da verdadeira pregação como marca distintiva da verdadeira igreja visível, explica Hoeksema, é a seguinte:

A igreja é edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, do qual Jesus Cristo é a principal pedra angular; outro fundamento homem algum pode edificar. Este fundamento é precisamente a Palavra de Deus, como contida nas Sagradas

⁴⁸ Para maiores detalhes sobre esse assunto ver, do mesmo autor, “Introdução à Pregação Reformada”, Knox Publicações, 2005.

⁴⁹ BERKHOF. *Teologia Sistemática*, 3a. ed. espanhola rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1976, p. 689.

⁵⁰ HOEKSEMA, *Reformed Dogmatics*, p. 620.

Escrituras. Quem quer que, embora ocupe o lugar de um ministro da Palavra, proclame outro Evangelho, a palavra de mero homem não edifica sobre o único fundamento. E o que ele edifica não é a verdadeira igreja de Cristo, mas mera instituição humana. Além disso, apraz a Cristo chamar, preservar e edificar sua igreja através da pregação da Palavra.⁵¹

A pregação congrega os eleitos

A igreja é uma congregação chamada do mundo, para constituir um povo à parte – no mundo, mas distinto do mundo. O mundo, como um todo, jaz no maligno, é corrompido, é governado pelo príncipe deste século (2Co 4.4), e é inimigo de Deus, estando debaixo da sua ira.

É Deus, em Cristo – por meio do seu Espírito, pela Palavra, e por instrumentalidade da pregação – quem chama os seus eleitos do mundo, e os congrega como nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus. Este povo é governado por Cristo, e objeto do seu amor e cuidado especiais.

É este o meio divinamente instituído pelo qual seus eleitos são extraídos do mundo e incluídos na igreja visível: o chamado ou vocação divina, que na concepção reformada tem dupla natureza: externa e interna. Pelo chamado externo, todos, em geral, são convocados ao arrependimento e à fé, por meio da pregação da Palavra. Pelo chamado interno (a vocação eficaz) o Espírito Santo, através da pregação da Palavra, converte o coração dos eleitos de Deus, convencendo-os do pecado, produzindo neles arrependimento e fé, arrancando-os eficaz e graciosamente do mundo, incluindo-os no seu corpo, a igreja invisível, e também na igreja visível, para ser discipulado, adorá-lo e servi-lo. Clowney ressalta: “Aqueles que o Espírito une a Cristo são unidos ao corpo de Cristo, uma comunidade reunida pela Palavra e marcada pelos sacramentos”.⁵²

Segundo as Escrituras “aprouve a Deus salvar aos que creem pela loucura da pregação” (1Co 1.21). É por essa razão que o apóstolo Paulo exclama: “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue?” (Rm 10.13-14). Qual a conclusão? “E assim, a fé vem pela pregação (pelo ouvir) e a pregação (o ouvir), pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

A obra da redenção não se consumará enquanto o último eleito de Deus não for eficazmente chamado e congregado:

Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não

⁵¹ HOEKSEMA, *Reformed Dogmatics*, p. 621.

⁵² CLOWNEY. *A Igreja*, p. 53.

querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento (2Pe 3.9).

A pregação edifica a igreja

Por meio da pregação, a igreja de Cristo é também edificada, sendo instruída na verdadeira fé. Pela pregação, a comunidade da aliança é confortada e consolada diante dos infortúnios, aflições e tribulações da vida. Por meio da pregação, o povo do pacto é exortado a viver de modo digno do Senhor, e encorajado a servi-lo, com vistas à promoção do seu reino neste mundo.

Por essas razões, os apóstolos tomaram a importante decisão, em Atos 6, de dedicarem-se especialmente à oração e ao ministério da Palavra. Pelas mesmas razões, o apóstolo Paulo insta Timóteo a pregar a Palavra a tempo e fora de tempo (2Tm 4.2), e declara serem merecedores de dobrada honra (remuneração) os presbíteros que se afadigam na Palavra e no ensino (1Tm 5.17). Lemos em sua carta à igreja de Éfeso:

Ele mesmo [Cristo glorificado] concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para o outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo... (Ef 4.11-15).

Apesar da revelação bíblica ser tão clara quanto à importância da pregação como a principal marca da igreja de Cristo, infelizmente, constatamos, em nossos dias, que essa forma distinta de comunicação da Palavra de Deus está em declínio. Em muitas igrejas ela tem sido substituída por um número cada vez maior de atividades. John Timmerman afirma que frequentemente “o sermão é uma ilha diminuindo cada vez mais em um mar turbulento de atividades”.

As razões para esse declínio da pregação são variadas: o surgimento de novos meios de comunicação, a ênfase nas apresentações musicais, a supervalorização do aconselhamento pessoal, o afastamento do Cristianismo das Escrituras, além, naturalmente, da corrupção da própria pregação. Quando a pregação degenera em mera eloquência de palavras, em exibição de sabedoria humana, em entretenimento religioso, em palanque político, em canal de exploração financeira ou mesmo em *embromação* pastoral, é compreensível que

ela perca a sua importância. Quão longe estão esses conceitos da verdadeira natureza da pregação!

É de fundamental importância ressaltar que, desde os tempos bíblicos, as grandes reformas religiosas foram suscitadas pela redescoberta das Escrituras e levadas avante pela sua proclamação pública. É o caso da Reforma do século XVI. Os reformadores foram, antes de tudo, pregadores da Palavra de Deus. Lutero, Zwinglio, Bullinger, Calvino, John Knox, e tantos outros reformaram a igreja por instrumentalidade da pregação (com a ação do Espírito Santo, que honra a sua própria Palavra). Na concepção reformada a pregação é *Vox Dei* (a voz de Deus), ou seja, a pregação da Palavra de Deus é Palavra de Deus, em virtude do seu conteúdo, e desde que proclamada pelos seus arautos oficiais (porta-vozes comissionados por Deus). A pregação é também um dos meios pelos quais Cristo se faz presente na igreja: a sua presença espiritual é real na pregação (ela é como que uma *epifania* de Cristo).⁵³ Por meio da pregação Cristo fala, instrui, dirige e governa a sua igreja. Para isso, a pregação precisa ser bíblica (*Sola Scriptura* e *Tota Scriptura*), o que significa que deve também ser cristocêntrica, visto que de Gênesis a Apocalipse a pessoa de Cristo, os seus ofícios e a sua obra são prefigurados e anunciados. Calvino afirmou: “As Escrituras devem ser lidas com o propósito de encontrar Cristo nelas”. Desse modo, compete ao pregador essa importante tarefa, a fim de que a pregação seja novamente restaurada ao papel central que deve ocupar nos cultos e nos púlpitos das nossas igrejas.

Em suma, na concepção reformada, a pregação é o principal meio de graça, é a tarefa primordial do pregador e da igreja, deve ter a centralidade no culto público, e se constitui na marca principal da verdadeira igreja (visível) de Cristo.

CONCLUSÃO

Se todos recorrêssemos às Escrituras em busca do modelo bíblico para a organização e funcionamento da igreja, e com a graça de Deus nos submetêssemos ao seu ensino, sem dúvida, muitos problemas eclesiológicos seriam evitados, pois a vontade de Deus é agradável, sábia e perfeita, também com relação a essa matéria. Não estou sugerindo que, com isso, todas as dificuldades estariam resolvidas. Questões circunstanciais e diferenças de interpretação permaneceriam. Entretanto, o reconhecimento e aplicação prática das doutrinas reformadas da autoridade suprema e da suficiência das Escrituras na esfera eclesiástica, certamente, favoreceriam substancial unidade e evitariam muitos problemas.

Infelizmente, o tradicionalismo, o subjetivismo, o misticismo e o pragmatismo religioso têm sufocado o brado do *Sola Scriptura* e tem desviado muitas igrejas do padrão bíblico. Muitas das ênfases atuais, como, por exemplo, o

⁵³ Termo usado por Richard Stuafter, citado por Leith em *Calvin's Doctrine of the Proclamation of the Word*, p. 31.

sucesso numérico, a conformação a um estereótipo ou tradição (como vestes, cortes de cabelo e barba, o uso de jargões evangélicos), metodologias de evangelização ou outras coisas do gênero, tão enfatizadas em muitos púlpitos, *não são* marcas da verdadeira igreja.

É, portanto, obrigação fundamental de cada crente *identificar* a verdadeira igreja de Cristo e *unir-se* a ela, fazendo uso do referencial das marcas da verdadeira igreja, conforme reveladas pelas Escrituras e salientadas pela teologia reformada.

Calvino faz uma observação importante quanto a essa questão. Apesar de reconhecer que nenhuma igreja é perfeita, ele ressalta que de maneira nenhuma isso deve servir de desculpa para que os crentes deixem de se congregar (Hb 10.25), ou que se unam a uma igreja que apresente marcas fracas ou deficientes. Ele alerta: “Satanás procura com afinco fazer com que uma dessas duas coisas ocorra: ou ele tenta *abolir* as marcas da igreja ou, caso isso não seja possível, ele nos induz a *menosprezá-las*, e assim, a nos afastarmos da verdadeira igreja de Cristo”⁵⁴.

Para a teologia reformada, a pregação e a conformação à Palavra de Deus são os sinais fundamentais da verdadeira igreja de Cristo. Onde houver isso, haverá verdadeira doutrina, culto que agrada a Deus e santidade de vida. Portanto, a genuína pregação do evangelho é, mais do que tudo, o que deve ser buscado e perseguido na igreja que pretende ser, de fato, “igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15).

ABSTRACT: Given the diversity of conceptions within the evangelical milieu regarding the church of Christ, Reformed theology has much to contribute to a correct understanding of the nature, attributes, and characteristics of the true church. This article offers a brief analysis of the biblical terms that define the church, mentions its origin, the figures and metaphors to which it is compared, and highlights general principles drawn from the Scriptures about its essence and function. There is a special emphasis on the distinction between the invisible and visible church and their essential marks. The approach is based on biblical teaching on the subject, supplemented with the interpretation of Reformed faith symbols.

KEYWORDS: Reformed ecclesiology, visible church, invisible church, attributes of the church, marks of the church, preaching, sacraments, discipline.

⁵⁴ CALVINO, Juan. *Institución de la Religión Cristiana*. Rijswijk, Países Bajos: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967, p. 813.